

ANEXO 03

CAMPANHA ELEITORAL 2006 – LUIS INÁCIO LULA DA SILVA

ANTONIO PALOCCI INTERMEDIOU O PAGAMENTO DE VALORES DE FORMA NÃO OFICIAL PARA CAMPANHA À REELEIÇÃO DE LULA, DURANTE O ESCÂNDALO DO MENSALÃO.

No ano de 2005, quando veio à tona o escândalo do “mensalão”, LUIS INÁCIO LULA DA SILVA, então Presidente da República, solicitou que ANTONIO PALOCCI, então Ministro da Fazenda, chamasse JOÃO SANTANA para realizar uma consultoria de marketing, visando contestar as imputações midiáticas feitas ao governo.

Nesse momento (agosto de 2005), retomou-se o contato de JOÃO SANTANA com LUIS INÁCIO LULA DA SILVA, interrompido na precampanha de 2002, quando JOÃO SANTANA rompera a sociedade com DUDA MENDONÇA.

O recomeço do trabalho com Lula significaria o início de um longo ciclo de trabalho com o PT, que terminaria com as eleições de Dilma. Na fase de Lula, este trabalho incluiu a reeleição do ex-presidente, além de consultorias informais e pontuais de marketing que ajudariam a formatação da comunicação e de marcas de importantes programas governamentais como o MINHA CASA, MINHA VIDA e o PAC, este no início do segundo mandato.

No final do ano de 2005, **ANTONIO PALOCCI, então Ministro da Fazenda, a pedido de LUIS INÁCIO LULA DA SILVA, então Presidente da República,** formalizou o convite para que JOÃO SANTANA fizesse o marketing da campanha de reeleição presidencial no ano de **2006**.

Após o convite formal, JOÃO SANTANA enviou MONICA MOURA para conversar sobre os detalhes do pagamento com ANTONIO PALOCCI.

A primeira negociação se deu no escritório particular de ANTONIO PALOCCI, (antigo endereço), que já não era mais ministro, onde foi decidido o valor da campanha (serviço de marketing). Novamente, ANTONIO PALOCCI exigiu que parte dos valores fossem pagos de forma oficial e que parte dos valores fossem recebidos por fora.

Nesta conversa ANTONIO PALOCCI disse a MONICA MOURA que **parte do dinheiro por fora (não oficial) seria pago em espécie à combinar e parte seria pago pela empresa ODEBRECHT**. Para tanto, orientou MONICA MOURA a procurar o executivo da ODEBRECHT, **PEDRO NOVIS**. MONICA MOURA sabia que o caixa dois pago pela Odebrecht era uma forma ilícita de pagamento, mas caso não aceitasse estes formato JOÃO SANTANA não seria contratado para realizar a campanha.

O Presidente LUIS INÁCIO LULA DA SILVA sabia do valor total da campanha - tanto o que seria pago oficialmente e o que seria pago por fora -, porque ANTONIO PALOCCI relatou a MONICA MOURA diversas vezes, durante a negociação, na fase de discussão sobre valores, que *"tinha que falar com o Lula, porque o valor era alto, e ele não tinha como autorizar sozinho"*. Depois, na última reunião de fechamento, voltou dizendo que *"o valor da campanha (total) tinha sido autorizado pelo Presidente"*.

A campanha teve como valor aproximado R\$24.000.000,00 (vinte e quatro milhões de reais) para os 2 (dois) turnos. Vale ressaltar que R\$ 13.750.000,00 (Treze milhões setecentos e cinquenta mil reais) foram pagos de forma oficial. Entretanto, aproximadamente R\$10.000.000,00 (dez milhões de reais), foram pagos de maneira não oficial. Ficou acordado que este

pagamento seria quitado metade por ANTONIO PALOCCI, em espécie, como forma de dificultar o rastreamento (valores seriam utilizados para o pagamento de outros fornecedores da campanha), bem como a outra metade seria paga pela ODEDRECHT, através de transferência no exterior.

Assim, durante os anos de 2006 e 2007, MONICA MOURA, viajou constantemente para São Paulo com o intuito de receber dinheiro em espécie. A entrega era feita, usualmente, dentro do shopping Iguatemi, na Loja de chá TEE GSCHWENDNER, por JUSCELINO DOURADO, a pedido de ANTONIO PALOCCI. DOURADO entregava sacolas com os valores em dinheiro acondicionados em caixas de roupas, de sapatos, etc. Foram pagos desta maneira, de forma parcelada, cerca de R\$ 5.000.000,00 (cinco milhões de reais).

Os outros R\$5.000.000,00 (cinco milhões de reais), aproximadamente, foram pagos pela empresa ODEDRECHT, na conta da SHELLBILL entre os anos de 2006 e 2007, este valor era referente a parte cobrada por JOÃO SANTANA, como pessoa física, pela idealização do projeto, trabalho intelectual e de criação.

Houve muitos atrasos de pagamentos em espécie (valores não declarados) durante a campanha e mesmo depois dela. Nestas ocasiões MONICA MOURA falava diretamente com ANTONIO PALOCCI e, dias depois, recebia o dinheiro. Estas conversas sempre aconteciam no escritório do ANTONIO PALOCCI em São Paulo.